

PT.038**REDUÇÃO DA EXPOLIAÇÃO E DO RISCO DE OCORRÊNCIA DA RAIVA EM HERBÍVOROS PELO CONTROLE POPULACIONAL DE *DESMODUS ROTUNDUS* NA REGIÃO NOROESTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.**

ROMIUN PC¹, Bruno LM de P², Carneiro I de C, Bruno AM de P², Cattaneo CAM, Rubião EC, Kimura LMS³ – ¹PESAGRO-RIO – Centro Estadual de pesquisa em Sanidade Animal, ²SEAPEC, ³PESAGRO-RIO

A prevenção da difusão de enfermidades infecto-contagiosas pelo controle populacional dos transmissores/vetores é uma prática secular de comprovada eficácia, seja aplicada a roedores, carnívoros, invertebrados e pragas de vegetais. Para reduzir ao máximo a exposição de herbívoros à espoliação por morcegos hematófagos da espécie *Desmodus rotundus* e conseqüentemente, ao risco de infecção por *Lyssavirus*, foram identificados abrigos com colônias de morcegos hematófagos, e estes monitorados semestralmente, com capturas e controle populacional eventuais, em três microbacias do Estado do Rio de Janeiro. Verificou-se que na microbacia de Miracema, os casos de Raiva transmitidos por *D. rotundus* foram se reduzindo a partir de 1995, quando foi iniciado o monitoramento dos abrigos e controle populacional da espécie. No intervalo de 36 meses (anos de 2005 a 2007) em que não houve controle populacional, os casos de Raiva em herbívoros tornaram a se elevar. Verificou-se que o repovoamento dos abrigos monitorados levava de 2 a 5 anos. Na microbacia envolvendo o município de Aperibé, o monitoramento dos abrigos e eventual controle populacional por 30 meses coincidiu com a ausência de Raiva em herbívoros ao longo de 5 anos (de 1996 a 2000). Também não foram notificados/diagnosticados casos de Raiva em herbívoros durante o monitoramento dos abrigos e eventual controle populacional, realizado por 30 meses nos municípios de Três Rios e Sapucaia. Conclui-se que o controle populacional de *D. rotundus* por técnicos experientes reduziu substancialmente o contato direto dos morcegos com animais domésticos susceptíveis nas microbacias trabalhadas, e conseqüentemente o risco de infecção quando da presença de *Lyssavirus* na saliva dos morcegos. Enquanto era realizado o controle populacional bianual de *D. rotundus* nos três ambientes distintos e isolados, não foram diagnosticados casos de Raiva em herbívoros domésticos ao longo dos períodos de monitoramento. Em não se realizando o controle populacional durante um mínimo de 48 meses, casos de Raiva em herbívoros passaram a acontecer nesses ambientes sob estudo. Em nenhum dos *D. rotundus* examinados foi encontrado *Lyssavirus* na saliva pela IFD, nem anticorpos específicos contra a virose no soro de 163 indivíduos examinados. É imprescindível ampliar a discussão quanto ao significado epizootico da detecção de anticorpos contra antígenos de *Lyssavirus* em mamíferos silvestres, e a possibilidade destes estarem infectados sem apresentação de quadro clínico (“portadores assintomáticos”).

PT.039**FATORES ASSOCIADOS À OCORRÊNCIA DE RAIVA EM REGIÃO RURAL DE CAMPINAS/SP/BRASIL EM 2.001 e 2.002.**

Ramos LHM¹, Donalísio MR², Lourenço RW³ – ¹Prefeitura Municipal de Campinas – Secretaria Municipal de Saúde, ²UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Ciências Médicas – Departamento de Saúde Coletiva, ³UNESP – Universidade Estadual Paulista/Faculdade de Engenharia Ambiental

A raiva é uma zoonose de etiologia viral, com alta taxa de letalidade e ocorrência em bovinos e equídeos, que causa prejuízos sociais e econômicos, tendo como transmissor o morcego *Desmodus rotundus*. Em área rural do município de Campinas estado de São Paulo, foram registrados 29 casos de raiva

confirmados laboratorialmente em herbívoros, em 2001 e 2002. Técnicos da Secretaria de Saúde e da Agricultura realizaram um trabalho intenso e conjunto na prevenção da raiva animal e humana na região. O objetivo deste estudo é descrever o perfil epidemiológico da epizootia e analisar variáveis associadas aos óbitos na área de ocorrência. Foi realizado estudo transversal com a aplicação de questionário a 730 proprietários e moradores de imóveis da área, sendo que 5 propriedades não foram incluídas. As variáveis coletadas foram: espécie animal acometida, óbitos na propriedade nos últimos 6 meses, existência e tipo de abrigos de morcegos hematófagos, número de pessoas expostas ao vírus. Foram calculados coeficientes de mortalidade por raiva por espécie animal por 1000 indivíduos. Foi ajustado modelo de regressão logística múltipla, tendo como variável resposta a ocorrência de óbitos por raiva, e variáveis preditoras as acima referidas, utilizando-se os programas EPI-INFO 6.04 e, R para digitação e análises estatísticas. O coeficiente de mortalidade (CM) total foi de 2,3/1000 animais (n = 8230), em equídeos foi 17,9/1000 e em bovinos 1,97/1000. Em 81(11,1%) das propriedades foi referida a existência de abrigos de morcegos, sendo 27 (46,6%) do tipo árvore, 25 (43,1%) construção habitada e 6 (10,34%) construção abandonada. Foram contabilizadas 1278 pessoas que lidavam com os animais, sendo que 38 exerciam atividades nas propriedades com óbitos, portanto expostos diretamente ao risco de raiva humana. As variáveis estatisticamente significantes associadas aos óbitos obtidas no modelo foram: existência de abrigos de morcegos hematófagos na propriedade (OR = 3,2 IC 95% 1,03 – 9,91) e a ocorrência de óbitos em animais nos últimos 6 meses (OR = 32,64 IC 95% = 9,11 – 116,90). A análise de CM por espécie animal pode trazer informações relevantes na região. Observou-se o CM em equídeos 9 vezes maior que o de bovinos na área, diferente de dados da literatura. O estudo desta epizootia mostra o potencial de ocorrência em humanos vivendo e trabalhando nas proximidades dos casos em animais. A referência de mortes de animais em período recente (6 meses) foi preditora de raiva, sugerindo a circulação prévia do vírus e a falta de conscientização dos proprietários em manterem os animais vacinados. A associação entre a raiva animal e presença de morcegos tem sido relatada em outros estudos, reforçando a necessidade de monitoramento de colônias de morcegos em área rural. As ações de vigilância epidemiológica, educação em saúde e profilaxia animal e humana pressupõem ações intersetoriais de relevância para a prevenção e controle da raiva humana e animal.

PT.040**DIAGNÓSTICO Y CARACTERIZACIÓN MOLECULAR DE VIRUS RÁBICO EN MUESTRAS EN AVANZADO ESTADO DE DESCOMPOSICIÓN**

Beltrán F¹, Gury Dohmen F¹, Del Pietro H², Cisterna DM³ – ¹Instituto de Zoonosis Luis Pasteur – Diagnóstico, ²Servicio Nacional de Sanidad y Calidad Agroalimentaria – Programa Nacional de Rabia Paresiante, ³INEL-ANLIS Dr. Carlos G. Malbrán – Servicio de Neurovirosis, Buenos Aires, Argentina

En Argentina existe una Red de Laboratorios Regionales de rabia que realizan el diagnóstico de rutina en animales a partir de muestras de cerebro mediante inmunofluorescencia directa (IFD) y aislamiento mediante ensayo biológico en ratones lactantes (EBRL). Las contramuestras de los positivos y/o los aislamientos de RABV se envían al Laboratorio Nacional de Referencia que es el Servicio Nacional de Sanidad y Calidad Agroalimentaria (SENASA) o al Instituto de Zoonosis Luis Pasteur (IZLP) perteneciente al Gobierno de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires (GCABA), para identificar la especie reservorio usando un panel de anticuerpos monoclonales (caracterización antigénica). La toma, conservación y transporte adecuados de las muestras y/o aislamientos son factores decisivos para